

Bandas escolares e sentido de vida:
narrativas e significações de
ex-integrantes à luz da teoria
de Viktor Frankl

Rodrigo Lisboa da Silva

Universidade Federal da Paraíba
<https://orcid.org/0000-0002-1772-1141>
rodrigoltrombonista@gmail.com

SILVA, Rodrigo Lisboa da. Bandas escolares e sentido de vida:
narrativas e significações de ex-integrantes à luz da teoria de Viktor
Frankl. *Revista da Abem*, [s. l.], v. 32, n. 1, e32122, 2024.





Bandas escolares e sentido de vida: narrativas e significações de ex-integrantes à luz da teoria de Viktor Frankl

Resumo: Este artigo tem como objetivo estabelecer relações entre os depoimentos de ex-integrantes de bandas escolares e a Teoria do Sentido de Vida (TSV) de Viktor Frankl, sendo resultante de uma pesquisa mais ampla de mestrado (Silva, 2020). Os depoimentos foram coletados a partir de entrevistas narrativas, em duas etapas. A análise foi construída por meio do entrecruzamento dos relatos em diálogo com os conceitos da teoria de Frankl e a partir de estudos da área de Educação Musical. Os resultados indicam que as apresentações das quais as bandas participam são eventos significativos que trazem motivação. Além disso, as bandas podem ser oportunidades para o exercício da autotranscendência, ou seja, da dedicação a um projeto ou missão específica (valores criativos), por meio da vivência com a música (valores vivenciais), assim como pela postura adotada por seus membros – atuais ex-integrantes – diante dos limites estruturais e pedagógicos de suas práticas (valores atitudinais). As narrativas sugerem que, diante da saída da banda, os ex-integrantes podem estabelecer outras maneiras de significar e se relacionar com a música. Por fim, a pesquisa mostra que a participação esporádica pode ser compreendida como um momento de reencontro com vivências significativas nas bandas e com a música.

Palavras-chave: bandas escolares, ex-integrantes, narrativas, Viktor Frankl, Educação Musical.

School marching bands and meaning of life: narratives and meanings of former members in the light of Viktor Frankl's theory

Abstract: This article aims to establish relationships between the testimonies of former members of school marching bands and the Theory of Meaning of Life by Viktor Frankl, being part of a master's research (Silva, 2020). The testimonies of these former members were collected through narrative interviews conducted in two stages. The analysis was constructed by intersecting the reports with Frankl's theoretical concepts and studies from the field of Music Education. The results indicate that the performances in which the bands participate are significant events that provide motivation. Furthermore, the bands may serve as opportunities for exercising self-transcendence. In other words, dedication to a specific project or mission (creative values), through engagement with music (experiential values), as well as the attitude adopted by its members – current formers – toward the structural and pedagogical limits of their practices (attitudinal values). The narratives suggest that, following their exit from the band, former members may find new ways to find meaning and relate to music. Finally, the research shows that occasional participation can be understood as a moment of reconnecting with meaningful experiences in the bands and with music.

Keywords: school marching bands, former members, narratives, Viktor Frankl, Music Education.

Bandas escolares y sentido de la vida: narrativas y significados de exintegrantes a la luz de la teoría de Viktor Frankl

Resumen: Este artículo tiene como objetivo establecer relaciones entre los testimonios de exintegrantes de bandas escolares y la Teoría del Sentido de la Vida (TSV) de Viktor Frankl, como parte de una investigación más amplia de maestría (Silva, 2020). Los testimonios de estos exintegrantes fueron recogidos a partir de entrevistas narrativas realizadas en dos etapas. El análisis se construyó a mediante la intersección de los relatos en diálogo con los conceptos de la teoría de Frankl y a partir de estudios del área de Educación Musical. Los resultados indican que las presentaciones en las que participan las bandas son eventos significativos que traen motivación. Además, las bandas pueden ser oportunidades para el ejercicio de la autotranscendencia. Es decir, la dedicación a un proyecto o misión específica (valores creativos), por medio de la experiencia con la música (valores vivenciales), así como por la postura adoptada por sus miembros – actuales exintegrantes – ante los límites estructurales y pedagógicos de sus prácticas (valores de actitud). Las narrativas sugieren que, tras su salida de la banda, los exintegrantes pueden establecer otras formas de significar y relacionarse con la música. Por último, la investigación muestra que la participación esporádica puede ser entendida como un momento de encuentro con experiencias significativas en las bandas y con la música.

Palabras clave: bandas escolares, exintegrantes, narrativas, Viktor Frankl, Educación Musical.



Introdução

As bandas escolares são atividades de educação musical que possuem vínculos pedagógicos com a escola sede, priorizando o ensino de música para os alunos nela matriculados (Lima, 2007, p. 41). Enquanto práticas coletivas de ensino, aprendizado e performance musical, as bandas escolares são movimentos educativos em que seus estudantes, além de aprenderem a tocar um instrumento de sopro ou percussão, podem socializar, conhecer novos lugares e vivenciar experiências significativas que passam a fazer parte de suas memórias (Silva, 2020).

A partir dessas vivências, os estudantes que participam da banda podem ter despertados interesses em seguir estudos e/ou carreira profissional em música. Contudo, muitas vezes, os estudantes não têm a intenção de estabelecer a música como profissão, mas sim de utilizá-la como *hobby* ou deixar a prática do instrumento musical que aprenderam na banda.

Nesta direção, perguntamo-nos sobre os sentidos e significados das bandas escolares para quem não seguiu a música como profissão. A partir desta inquietação, desenvolvemos uma pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba (PPGM/UFPB) com o seguinte problema de pesquisa: “quais são as percepções de ex-integrantes que não seguiram a carreira como músicos profissionais a respeito de suas experiências em bandas marciais escolares em seus percursos de formação musical?” (Silva, 2020, p. 15). O objetivo geral foi: “investigar as percepções e experiências de ex-integrantes de bandas marciais escolares – que não seguiram estudos superiores ou profissionalizantes nem carreira na área – a respeito de seus percursos de formação musical” (Silva, 2020, p. 16)¹.

Neste artigo, apresentamos resultados da referida pesquisa, estabelecendo relações entre os depoimentos de ex-integrantes de bandas escolares e a Teoria do Sentido de Vida (TSV) de Viktor Frankl (1905-1997)². Para tanto, organizamos o texto em quatro seções principais. Primeiro, contextualizamos a TSV, apresentando suas bases e conceitos que nortearam a análise e discussão aqui proposta. Em seguida,

¹ O presente trabalho foi desenvolvido sob orientação da professora Dra. Maura Penna e teve apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), código de financiamento 001.

² Também conhecida como Logoterapia ou Logoteoria.

detalhamos o percurso metodológico adotado, enfatizando o papel das entrevistas narrativas como instrumentos de acesso às significações pessoais dos entrevistados com a música e as bandas. Logo, analisamos e discutimos trechos de seus depoimentos a partir da TSV e de referências da área de Educação Musical. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

Teoria do Sentido de Vida (TSV)

Viktor Emil Frankl foi um psiquiatra e neurologista criador da TSV (Aquino, 2013, p. 13). Seus questionamentos sobre o sentido da vida e da morte começaram ainda na juventude. Isso pôde ser visto, por exemplo, numa cena em que um professor de ciências ensinava a Frankl – aos treze anos de idade – que a vida não passa de um processo de oxidação. Incomodado com o ponto de vista do professor, Frankl insistia em questionar sobre o sentido de vida (Dourado *et al.*, 2010, p. 13).

Frankl tinha grande admiração por Freud, tanto que o teve como mestre. Porém, a sua relação com o psiquiatra oscilava entre momentos de fascinação e contestação (Dourado *et al.*, 2010, p. 15). Ele também foi discípulo de Alfred Adler e sua psicologia individual, sendo expulso por discordar de seus pressupostos. Mesmo reconhecendo as contribuições de Freud e Adler à psicologia, Frankl propôs uma outra compreensão psicoterápica do ser humano (Aquino, 2013, p. 20-21)³.

Frankl foi prisioneiro em campos de concentração nazistas, onde procurava confortar seus companheiros, não para dar sentido à vida, mas para dar sentido à morte (Aquino, 2013, p. 26). Assim, afirmava que se o sofrimento não tem significado, não vale a pena sobreviver; mas que se o sofrimento tem sentido, a vida também tem sentido. Presenciando a esperança do ser humano frente ao sofrimento, Frankl pôde atribuir sentido e significado para a sua vida (Dourado *et al.*, 2010, p. 16). Liberto, ele continuou a desenvolver a teoria e a prática acerca do sentido de vida, que culminaram nos conceitos da TSV.

³ Sigmund Freud (1856-1939), neurologista e psiquiatra, criador da “Psicanálise”. Alfred Adler (1870-1930), psicólogo austríaco, fundador da “Psicologia Individual”.



A TSV é um sistema prático e teórico da psicologia desenvolvido por Frankl durante o século XX, sendo considerada a terceira escola de psicoterapia de Viena (Dourado *et al.*, 2010, p. 13). Enquanto a Psicanálise de Freud (primeira escola) tem a satisfação dos impulsos de prazer e felicidade como motivação primária do ser humano, a Psicologia Individual de Adler (segunda escola) defende a vontade de poder como motivação primária do ser humano (Dourado *et al.*, 2010, p. 19; Miguez, 2014, p. 46). Em contrapartida, a TSV opõe-se à ideia da busca pela felicidade e poder em primeiro lugar. De acordo com a TSV, é preciso buscar um fundamento para ser feliz, para que, assim, a felicidade venha de modo espontâneo e não “forçado” (Miguez, 2014, p. 44).

Dessa forma, Frankl defende que a busca por um sentido é a motivação primária para a significação existencial do ser humano (Dourado *et al.*, 2010, p. 13). Além disso, o ser humano é livre para tomar uma posição perante as circunstâncias e em relação a si mesmo, sendo também responsável por cada decisão. Assim, Frankl considera que o ser humano tem liberdade para posicionar-se perante condicionamentos físicos e psíquicos, culminando na sua capacidade de escolha que configura seu destino (Miguez, 2014, p. 39). Frankl defende que a vida é dotada de sentido em todos os momentos, cabendo a cada ser humano encontrar seu sentido de vida nas relações com o mundo concreto, e não de maneira abstrata (Dourado *et al.*, 2010, p. 19). Desse modo, a TSV discorda da recusa do sentido da vida (nihilismo) e da negação da liberdade humana (pandeterminismo).

Para Frankl, o ser humano é uma existência tridimensional, ou seja, que possui três dimensões constitutivas de seu ser: somática, psíquica e noética. A “dimensão somática” corresponde às funções orgânicas e fisiológicas essenciais ao funcionamento do corpo humano; por outro lado, a “dimensão psíquica” relaciona-se às sensações, desejos e instintos que fazem parte de cada indivíduo; já a “dimensão noética” é específica do ser humano, sendo manifestada por meio da criatividade, religiosidade, capacidade de tomar decisões, autotranscendência, busca por sentido etc. (Aquino, 2013, p. 43-48; Dourado *et al.*, 2010, p. 20; Frankl, 2003, p. 19; Miguez, 2014, p. 53). As três dimensões do ser humano destacadas por Frankl estão inter-relacionadas e constituem o ser como um todo. Portanto, não podem ser consideradas de maneira estanque, já que o ser humano, de acordo com a TSV, é uma existência biopsiconoética, e não unilateral (Miguez, 2014, p. 53).





Além de propor uma visão do ser humano como existência tridimensional, a TSV é sustentada por três pilares fundamentais: Liberdade de Vontade; Vontade de Sentido; e Sentido de Vida (Aquino, 2013, p. 47; Frankl, 2003, p. 17). A **Liberdade de Vontade** corresponde à capacidade do ser humano de se posicionar e tomar decisões diante dos condicionamentos e situações que a vida apresenta (Frankl, 2011, p. 36). Sob este ponto de vista, o ser humano é uma existência que decide e responde às questões da vida. Segundo Aquino (2013, p. 50), ainda existe um “resquício de liberdade para escolher e responder às questões de sua própria existência”. Apesar de não estar totalmente livre das condições biológicas, psicológicas e sociológicas, o ser humano tem a capacidade de se posicionar e responder aos dilemas que a vida apresenta, sendo, portanto, responsável pelo seu futuro (Aquino, 2013, p. 51; Dourado *et al.*, 2010, p. 26).

Já a **Vontade de Sentido** é um problema especificamente humano, pois este é o único que busca significado para a vida. De acordo com Frankl, a Vontade de Sentido proporciona orientação e motivação para o ser humano. Assim, Frankl denomina de “autotranscendência” o ato de apontar para além de si mesmo em busca de descobrir um sentido para, depois, realizá-lo (Aquino, 2013, p. 52-58; Miguez, 2014, p. 43). Nessa perspectiva, Frankl (2022a, p. 135) afirma que “quanto mais a pessoa esquecer de si mesma – dedicando-se a servir uma causa ou a amar outra pessoa –, mais humana será e mais se realizará”. Pela Vontade de Sentido, o ser humano pode autotranscender e encontrar significado existencial (Miguez, 2014, p. 43).

Segundo a TSV, o ser humano pode encontrar significado existencial de três maneiras: nos *valores criativos* – atuando no trabalho ou em práticas de criação artística, por exemplo; nos *valores vivenciais* – em suas relações com a natureza, cultura, artes, no amor; e nos *valores atitudinais* – em decisões tomadas frente ao sofrimento inevitável: por exemplo, a prisão no campo de concentração vivenciada com resiliência por Frankl ou uma doença incurável (Aquino; Penna, 2021, p. 4; Frankl, 2022a, p. 135; Frankl, 2003, p. 29, 30). As relações do indivíduo com esses valores têm o potencial de orientar seu percurso existencial e atribuir sentido à vida.





Desse modo, o **Sentido de Vida**, terceiro pilar da TSV, difere de pessoa para pessoa, de momento para momento. O que importa é o sentido específico de uma pessoa em determinada situação, pois cada qual está a procurar uma tarefa concreta que exige realização. Cada pessoa responde pela sua vida e traça seus objetivos singulares (Frankl, 2022a, p. 133-134; Frankl, 2022b, p. 38, 69; Penna; Pinto; Santos, 2018, p. 8). Além disso, o sentido de vida só pode ser encontrado de maneira responsável, consciente e não arbitrária (Frankl, 2022a, p. 133).

As respostas que temos que dar para as questões concretas da vida não podem consistir em palavras, mas apenas em um agir; e mais do que isso: justamente na nossa vida, no nosso ser inteiro! As questões “da” vida só podem ser respondidas ao assumirmos a responsabilidade pela “nossa” vida (Frankl, 2022b, p. 95).

Aquino (2013, p. 59) e Miguez (2014, p. 41) ressaltam que a finitude da vida induz o indivíduo a tomar consciência da sua responsabilidade no mundo e a realizar um projeto de vida. Sendo a vida limitada temporalmente, as possibilidades de realização de projetos podem ser únicas, e os adiamentos, portanto, perigosos. Frankl (2022b, p. 49-51) destaca que nosso tempo limitado e a irrecuperabilidade da vida incentivam-nos a aproveitar e realizar as restritas possibilidades que são apresentadas em nosso percurso existencial. Caso fôssemos imortais, não haveria motivo para realizar e significar algo agora ou amanhã. Além disso, as próprias limitações individuais provocam em cada ser humano a sensação de incompletude e a necessidade de buscar desafios a serem superados (Frankl, 2022b, p. 53-57).

A busca por um sentido de vida é amplamente associada ao estado de saúde mental dos indivíduos. Contudo, essa busca pode ser frustrada, ocasionando o chamado “vazio existencial”. Este vazio está relacionado à falta de sentido, podendo acarretar vários problemas da sociedade contemporânea, como o tédio, a depressão, a drogadição e o suicídio (Aquino, 2013, p. 69). O vazio existencial pode fazer com que jovens vivam sem projetos que os orientem, buscando satisfação e aparente sensação de prazer e poder nas drogas e em outros vícios, por exemplo (Aquino, 2013, p. 70-72; Frankl, 2022a, p. 132).

Como apresentado anteriormente, interessa-nos investigar as relações entre a TSV e os percursos de vida e formação de ex-integrantes de bandas escolares. Dessa forma, detalhamos o percurso metodológico adotado na pesquisa.



Metodologia

Esta pesquisa foi conduzida a partir de uma perspectiva qualitativa. Desse modo, lidamos com a interpretação de subjetividades e diferentes significações acerca dos percursos formativos e musicais nas bandas escolares. Os participantes da pesquisa foram dez ex-integrantes de bandas escolares, todos maiores de dezoito anos, homens⁴, que não seguiram a carreira como músicos profissionais ou realizaram um curso superior na área. Esses ex-integrantes participaram de diferentes bandas escolares que, por questões de ética e anonimato, não serão identificadas. A coleta das narrativas ocorreu no período de 20 de maio de 2019 a 17 de outubro de 2019.

Como critério de inclusão no estudo, estabelecemos o tempo mínimo de um ano letivo (dois semestres escolares) de vivências em bandas (públicas ou privadas) de João Pessoa (PB). Consideramos um ano letivo de participação como um período mínimo para que os colaboradores da pesquisa tivessem estabelecido uma relação duradoura e significativa com a banda escolar. Além disso, apenas foram considerados ex-integrantes que haviam saído das bandas há menos de cinco anos a partir do período da coleta, ou seja, ex-integrantes que saíram antes de 2014 não entraram na pesquisa. Possivelmente, os que deixaram as bandas escolares há mais tempo tendem a recordar apenas aspectos positivos de suas participações nestes grupos, romantizando seus depoimentos.

Os ex-integrantes foram localizados por meio do contato com regentes de bandas escolares que se dispuseram a colaborar com a pesquisa. Foi importante também a estratégia de “bola de neve” em que os ex-integrantes indicavam outros que pudessem colaborar com o estudo, bem como o uso das redes sociais para localizá-los.

Inicialmente, foram selecionados dez ex-integrantes, cujos perfis precisavam atender aos seguintes critérios: a) cinco que continuavam mantendo contato com as bandas, participando eventualmente de apresentações musicais; b) cinco que não participavam mais das bandas.

⁴ Não era uma exigência que todos os participantes da pesquisa fossem homens, mas isso reflete a primazia masculina nas bandas por suas origens militares (cf. Fontes, 2019).

Participante	Idade	Instrumentos musicais	Tempo em bandas	Ocupação	Contatos esporádicos com as bandas
Participante 1	19	Tuba, percussão, violão, etc.	7 anos	Militar do exército	Não
Participante 2	21	Trombone	7 anos	Repositor de supermercado	Não
Participante 3	20	Trompete	12 anos	Atendente	Não
Participante 4	21	Trompete	11 anos	Repositor de supermercado	Sim
Participante 5	20	Trombone	5 anos	Aprendiz de auxiliar administrativo	Não
Participante 6	25	Percussão	9 anos	Estudante de Engenharia Civil	Sim
Participante 7	25	Trompete	10 anos	Auxiliar de produção	Sim
Participante 8	20	Trombone	7 anos	Estudante de teologia e administração	Não
Participante 9	20	Trombone, eufônio e percussão	13 anos	Em busca de emprego	Sim
Participante 10	18	Eufônio	2 anos	Estudante do ensino médio	Sim

Quadro 1 – Participantes da pesquisa⁵. Fonte: Dados da pesquisa (Silva, 2020, p. 98-99).

De modo a conhecer a história de vida musical de cada participante, utilizamos as entrevistas narrativas como instrumentos de coleta. Como apontam Flick (2004, p. 109) e Gibbs (2009, p. 81), as narrativas possibilitam a investigação das significações dos entrevistados, revelando momentos decisivos, projetos e trajetórias de vida, pessoas importantes, dentre outras questões.

A partir das concepções de Flick (2004, p. 115), propusemos uma primeira entrevista com base numa questão norteadora de caráter amplo e comum a todos os participantes (cf. Silva, 2020, p. 18). Esta etapa permitiu um primeiro contato e acesso às histórias de vida dos participantes da pesquisa com a música e, mais

⁵ Esse quadro foi organizado com base na ordem de coleta dos depoimentos, e não em função da participação esporádica (ou não) nas bandas.

especificamente, com as bandas. Dessa forma, buscamos deixar cada participante o mais livre possível para compartilhar a sua história de vida musical, evitando interromper e interferir no fluxo do depoimento no momento da coleta.

Após a primeira entrevista e sua transcrição, um segundo momento de interação com os participantes foi considerado necessário com vistas a retomar e aprofundar algumas informações reveladas em suas narrativas iniciais. Assim, as segundas entrevistas tinham questões específicas para cada participante, sendo elaboradas em função do que fora revelado na primeira. Apesar de ter sido preparada com base em roteiro, mantivemos o seu caráter narrativo e (auto)biográfico. Durante a coleta, houve mudanças na ordem das perguntas, reformulações, assim como o surgimento de outras questões de esclarecimento. Como destaca Penna (2021, p. 5), “este segundo momento de interação” mostra-se importante, uma vez que permite “um aprofundamento da relação de confiança entre o pesquisador e o participante da pesquisa”.

Como os participantes eram ex-integrantes de bandas envolvidos com outras atividades profissionais não ligadas à música, ficou mais difícil encontrá-los. Para não correr o risco de perder o contato, decidimos coletar a primeira entrevista narrativa, transcrevê-la, fazer uma análise inicial para elaborar e aplicar a segunda entrevista preferencialmente na semana seguinte.

Todas as entrevistas foram coletadas e transcritas na íntegra pelo pesquisador – autor deste artigo –, sendo que os trechos citados receberam um tratamento gramatical (cf. Gibbs, 2009, p. 31). Os entrevistados foram identificados como Participante 1 (P1), Participante 2 (P2), e assim sucessivamente, de modo a garantir o anonimato. Omitimos informações que pudessem revelar as identidades dos participantes e/ou de outras pessoas mencionadas, como nomes de escolas, bandas, regentes etc⁶.

Os relatos foram categorizados, comparados, entrecruzados e analisados sob a lente da TSV e com base em estudos da área de Educação Musical. Sendo assim,

⁶ Todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Além disso, o projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil sob o número CAAE 04613918.8.0000.5188, recebendo parecer de aprovação em 27 fev. 2019.

buscamos discutir e analisar os sentidos e significados das bandas escolares para seus ex-integrantes.

Com a voz, os ex-integrantes

A partir da análise dos depoimentos dos entrevistados, foi possível identificar significações das bandas escolares referentes às suas apresentações. Como exemplificação destas questões, os Participantes 3 e 7 revelaram que, apesar do esforço físico e do cansaço demandado, os desfiles e viagens da banda foram momentos significativos que fazem parte de suas memórias. Essas apresentações favoreciam o contato com outras bandas e outros músicos, contribuindo, portanto, para as interações sociais.

Eu acho que os momentos mais bacanas da banda marcial eram os tempos que a gente viajava. Quando eu era mais jovem, nós fomos viajar com a banda para São Miguel de Taipu (PB). Rapaz, a gente foi de ônibus e a gente começou o desfile lá para as 2 horas da tarde e fomos terminar o desfile às 6 horas da noite [...]. O que mais marcou foi o grupo interagindo com os outros. Foi bom demais aquela época (P3, E1, 09 jul. 2019) ⁷.

Falando ainda da questão dos desfiles, foram muito importantes, foram muitos, mas cada um mais importante do que o outro. Teve um que eu não esqueço até hoje que é o desfile de Mamanguape (PB). Foi um desfile que instigou mesmo. É um dos maiores desfiles que tinha. O que aconteceu é que a gente não esperava ser um desfile intenso e longo, mas não era só reta, era ladeira subindo. Depois desse desfile de Mamanguape, teve o desfile de Cruz do Espírito Santo (PB) que era um desfile que a gente começava a marchar e, de repente, não acabava! (P7, E1, 31 jul. 2019).

Além dos desfiles cívicos, os entrevistados revelaram que os campeonatos de bandas também contribuíam na questão da motivação para participar desses grupos, provocando a sensação de superação perante os desafios apresentados.

Fui para outros campeonatos. Quase que eu ia para o Nacional. Era bom, era um momento de superação. Ele [o maestro] colocava umas peças que eu olhava assim e pensava “eu não vou conseguir tocar isso”! Mas com o tempo as coisas iam se ajustando. O cara chega arrepiava quando entrava no ginásio. Quando eu ia tocar, eu me arrepiava todinho, era muito bom (P2, E2, 04 jun. 2019).

⁷ Mantemos os trechos de depoimentos citados em itálico com vistas a diferenciá-los de citações bibliográficas. As informações entre parênteses e localizadas ao final das citações de depoimentos referem-se, respectivamente, à identificação do participante no estudo, ao número da entrevista e à data de coleta da narrativa.



Como se pode perceber, os desfiles e campeonatos foram momentos significativos no percurso de formação musical desses participantes dentro da banda escolar. Percebe-se que todos os participantes mencionaram tais apresentações em suas primeiras entrevistas, revelando a pertinência desses eventos. Assim, as apresentações permitem o contato com outras pessoas e locais, favorecendo processos de interação social. Além disso, as viagens são ocasiões que motivam diversos membros das bandas e de outros conjuntos musicais a permanecerem tocando (Carmo, 2014, p. 19-20; Santana, 2019, p. 107).

À luz da TSV, podemos interpretar as apresentações – desfiles, campeonatos, dentre outras – como “missões” e “desafios” concretos que movimentam a dinâmica existencial do aluno da banda (cf. Dourado *et al.*, 2010, p. 28; Frankl, 2022a, p. 133). Portanto, apresentar-se com as bandas pode ser importante não só pela performance em si, mas como um evento que pode trazer significação para a vida de seus alunos. Apesar das longas distâncias e do cansaço destacados pelos Participantes 2, 3 e 7, os desfiles cívicos e campeonatos podem trazer aos membros da banda a sensação de um desafio a ser vivenciado, resolvido e respondido de maneira responsável⁸.

Dessa forma, Frankl (2022a, p. 130) aponta que o ser humano não deve estar livre de tensões, mas sim estar orientado e direcionado para a realização de projetos. Essa dose saudável de tensão que movimenta a existência dos indivíduos, Frankl (2011, p. 65-69) denomina de “noodinâmica”, sendo um fenômeno que exige dedicação, renúncias e superação de limites, dentre outros aspectos⁹. Estando privado desta tensão saudável, o ser humano pode ser vítima do “vazio existencial” e, por sua vez, do tédio e da apatia, ou buscar excitação e aventura nas drogas ou em atos de vandalismo, por exemplo (Frankl, 2011, p. 63)¹⁰.

⁸ Apesar de os campeonatos de bandas surgirem como eventos significativos nos relatos dos entrevistados, é preciso problematizar seus critérios de avaliação comparativa, ranqueamento e objetificação da performance. Orientadas por concepções capitalistas, tais competições desconsideram os sentidos da performance e os contextos e processos de aprendizagem dos alunos nas bandas, sendo que a primazia está na quantificação de parâmetros socialmente legitimados: ritmo, afinação, equilíbrio etc. Para maiores discussões, ver: Abramo (2017).

⁹ Frankl (2022b, p. 57) traz como exemplo da noodinâmica alpinistas que buscam realizar escaladas mais difíceis e desafiadoras. No campo da música, isso pode ser visto quando músicos buscam desafios a partir do domínio de estudos e peças mais complexas, por exemplo.

¹⁰ Cabe destacar que a “noodinâmica” apontada por Frankl não se refere a um estado de tensão exagerado que cause problemas de ansiedade. O autor refere-se a uma dose de “tensão saudável”





A falta da tensão que movimenta a existência do estudante pode acarretar a desmotivação e a saída da banda. Por exemplo, o Participante 8 revelou que se sentia incomodado pelo fato de a primeira banda escolar de que participara não realizar muitas apresentações. Assim, ele relatou que decidiu sair da banda para buscar outro grupo que oferecesse maiores oportunidades de viajar e se apresentar:

Eu queria estar desfilando nos principais bairros [...], mas eu via que o professor não tinha essa preocupação. Eu queria ser mais usado, sabe? E aquela minha indignação me levou a pensar que lá não era suficiente para mim. Nesse ano de 2013, teve uma banda na prefeitura chamada [...] e tocava meio que a cada 15 dias. Eu estava vivendo um sonho. Eu não podia reclamar de nada. Para mim era um paraíso porque acordava cedo no sábado, ia tocar em Santa Rita (PB), acordava cedo no domingo, ia para Bayeux (PB). Para mim, como aluno, como um garoto, como um jovem adolescente, para mim, aquilo era tudo (P8, E1, 07 ago. 2019).

Assim, a participação das bandas nestas apresentações pôde favorecer o encontro de um sentido que motivasse os ex-integrantes a tocar e a autotranscender com a banda na época (Frankl, 2022a, p. 134; Miguez, 2014, p. 41). A dedicação à banda pode possibilitar a descoberta do sentido de vida por meio da autotranscendência (Miguez, 2014, p. 43). Isso relaciona-se também ao encontro do sentido de vida por meio dos valores criativos, ou seja, por intermédio de um trabalho ou projeto a se dedicar (Frankl, 2022a, p. 135; Frankl, 2003, p. 29-30).

Participar de uma banda escolar traz um conjunto de desafios: aprender a tocar; dominar o repertório proposto; ensaiar para apresentar-se; alcançar uma boa colocação em um campeonato, dentre outros. Dessa maneira, fazer parte da banda escolar pôde ter favorecido o encontro do sentido para os participantes por um determinado período de suas vidas.

Além destas questões, os participantes da pesquisa revelaram a capacidade de resistência e resiliência perante as dificuldades enfrentadas pelas bandas. Nesta direção, o depoimento do Participante 4 revelou “valores de atitude” dos alunos e do professor, diante de situações de precarização material das bandas:

que possibilite uma significação existencial do indivíduo sobre sua vida. Isso pode estar presente, por exemplo, na participação em projetos de música.





O investimento com fardamento e com instrumento era muito defasado. Não sei se ainda é hoje. Geralmente a gente tinha que tirar do próprio bolso da gente; e os instrumentos, pegava emprestado de um e de outro. [...] Os professores fazem das tripas corações para montar as músicas da banda (P4, E1, 10 jun. 2019).

Costa (2008, p. 30) e Soares (2018, p. 159) alertam para a falta de incentivo e valorização das bandas por parte do poder público. Assim, muitas bandas acabam sofrendo com dificuldades financeiras, instrumental avariado e falta de espaço físico adequado para o exercício de suas atividades (Costa, 2008, p. 30). Além das limitações materiais, a participação nas bandas pode estar permeada por equívocos que comprometem o caráter pedagógico desses grupos.

Teve uma apresentação, um ensaio para uma apresentação no Ceará, o último ensaio no sábado antes da viagem, e eu ensaiei meio que relaxado, porque eu estava cansado da rotina de todos os dias, de ensaiar. Eu me lembro que eu não fiquei na posição certa e eu levei uma chamada. Ele [o regente] falou “presta atenção, porque senão lá você vai fazer da mesma forma”, de uma forma bem grosseira que eu não quero repetir a forma que ele falou. Ele chamou um palavrão e na frente de toda a corporação, porque muitas pessoas iam assistir [aos] ensaios – pais, família... – e eu especificamente fui chamado atenção. Mas assim, eu não culpo o professor, porque é uma barra pesada para ele tomar conta de mais de cem pessoas, de viagem, e a minha função é somente tocar minha parte, no caso, a partitura. Então, eu não fiquei chateado com ele porque ele estava cansado, estava num ambiente meio sério, para uma competição importantíssima. [...] Não achei legal não. Mas depois eu entendi e ele veio até a mim e falou o porquê falou aquilo. Ele pediu desculpa (P8, E2, 23 ago. 2019).

Como ressaltam diversos trabalhos, as bandas estiveram a serviço das necessidades militares por inúmeras vezes durante a história (Costa, 2011, p. 249-250; Lima, 2007, p. 33-38). Desse modo, essa herança militar influenciou, muitas vezes, não só os uniformes, as normas, o repertório e as diferentes instrumentações utilizadas pelas bandas, mas também as posturas autoritárias e truculentas de alguns regentes atuais. Atitudes de desrespeito não condizem com um trabalho de educação musical ético, tolerante e comprometido com o desenvolvimento do estudante, sendo reflexos de uma primazia da performance em que “os meios justificam os fins”, assim como de problemas relacionados ao



tipo e aos critérios de contratação de regentes, dentre outras questões¹¹. Além disso, de acordo com o art. 232 do Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), é considerado crime “submeter criança ou adolescente sob sua autoridade, guarda ou vigilância a vexame ou a constrangimento”.

Desse modo, o regente, enquanto educador responsável pelo grupo, precisa zelar pelo respeito e pela ética pedagógica com seus alunos. No caso do Participante 8, a escolha livre de permanecer na banda pode ser vista como um “valor de atitude”, ou seja, de resistência e perseverança perante o estresse e as truculências inaceitáveis do regente em questão naquele momento. Conforme Frankl (2022a, p. 135), os “valores de atitude” relacionam-se às nossas posturas diante do inevitável. Contudo, destacamos que tais situações de constrangimento podem ser evitáveis quando os projetos de bandas se pautam, de fato, em critérios pedagógicos para a contratação e formação continuada dos regentes, dentre outras questões.

A análise mostrou também que os alunos podem sair das bandas por deixarem de encontrar “sentido” em suas práticas. Dessa forma, o Participante 8 revela que a banda foi uma forma de preencher seu “vazio” na adolescência. Entretanto, em determinado momento, deixou tais grupos por não sentir resolvidas as suas necessidades existenciais:

Embora gostasse muito e quisesse muito, chegou uma fase da minha vida que eu vi que não era para mim, não pela resposta ou pelo feedback financeiro, mas porque eu senti que aquele era um ciclo findável, uma fase da minha vida. [...] Eu estava dando o melhor naquilo pensando que não podia ser a solução para alguns problemas emocionais, alguns pensamentos sobre mim, algumas crises existenciais sobre a minha vida. Comecei a conhecer a igreja. Então, eu passei a ver que não era banda que ia, entre aspas, me dar toda felicidade do mundo. Uma hora em um título perdido, numa má apresentação, eu ia ficar triste e eu não queria ter aquele sentimento. Então, eu percebi que não valia tanto a pena dar tanta importância, ficar tanto tempo, sabendo que aquilo não ia, de certa forma, me preencher. Então, eu entendi que a banda, de fato, não era aquilo que ia me dar o que eu precisava. [...] Eu acredito que eu era um adolescente muito, de certa forma, vazio, que queria buscar uma forma de preencher com algo (P8, E2, 23 ago. 2019).

¹¹ Conforme destacado por Nóbrega (2018, p. 82), a contratação de regentes em projetos de banda, muitas vezes, pode ocorrer não com base em critérios pedagógicos, mas por meio de troca de favores políticos e apadrinhamentos ou com primazia na performance instrumental demonstrada por músicos profissionais.



Como discutido, a falta de sentido pode provocar o que Frankl denomina de “vazio existencial” (Aquino, 2013, p. 69; Frankl, 2022a, p. 132). Além disso, o sentido de vida difere não só de pessoa para pessoa, mas de momento para momento (Frankl, 2022a, p. 133). Dessa maneira, o relato do Participante 8 indica que a igreja passou a ser o sentido de sua vida, pois a banda já não preenchia seu vazio¹². Sobre este aspecto, o Participante 10 revela que decidiu ingressar na banda justamente para preencher o seu vazio interior:

*Muitas vezes eu estava em casa, passivo, não tinha nada para fazer, então era algo que preenchia ali minha passividade, algo que eu não ficava... questão de ficar em casa sem fazer nada com a mente vazia, e a banda era algo que me trazia ali [para] preencher meu vazio. Foi questão de **preencher mesmo o vazio da pessoa** (P10, E1, 23 set. 2019, grifo nosso).*

Cabe lembrar que os participantes da pesquisa são ex-integrantes de bandas escolares que não atuam profissionalmente na área de música, sendo que cinco deles mantêm contatos com esses grupos durante os períodos de desfiles e campeonatos. Isso mostra a dificuldade em deixar completamente a banda e indica o desejo de retomar a vivência de momentos significativos em suas vidas. Nesta direção, o Participante 7 relata:

O que me atrai são os desfiles, os concursos, entendeu? Me fazem ter vontade de querer tocar nas bandas. Eu vejo as outras bandas tocarem e me dá vontade de tocar também. Os desfiles e concursos são muito importantes e eu gosto de estar em todos. Isso que me atrai e me dá mais vontade ainda de tocar (P7, E2, 15 ago. 2019).

Dessa forma, as apresentações têm papel fundamental no retorno esporádico desses ex-integrantes. Assim, o regresso momentâneo à banda possibilita o reencontro de amigos e, também, a oportunidade de viajar, desfilar e, portanto, sentir-se aplaudido e admirado pelo público mais uma vez. Da mesma forma, os Participantes 6 e 9 apontam que o retorno à banda oportuniza o reencontro com os amigos e a possibilidade de relembrar os momentos em que participavam oficialmente como integrantes:

¹² Durante a coleta, o Participante 8 revelou ter encontrado um novo sentido de vida na igreja, utilizando, inclusive, a música como instrumento de evangelização.



Porque sempre você sente aquela falta de quando você tinha aqueles amigos que você estava tocando na banda, de ter aquela galera lá assistindo ao desfile, que às vezes você tinha um trabalho imenso, um desafio para estar ali participando daquela banda (P6, E2, 05 ago. 2019).

Qualquer oportunidade que eu tiver de tocar um instrumento, eu estarei dentro. [...] Vim aqui para lembrar os amigos e até as pessoas que tocavam antigamente e que eu conheci agora. Eu era doidinho para tocar nessa banda. Eu tive oportunidade e fico me sentindo privilegiado (P9, E2, 29 ago. 2019).

Nascimento e Menandro (2005, p. 10) afirmam que a saudade está relacionada ao sentimento de satisfação com o passado, fazendo com que os indivíduos almejem um futuro tão satisfatório quanto ou, pelo menos, em grau mais aproximado ao vivenciado anteriormente. O retorno eventual à banda, portanto, favorece os reencontros afetivos e a possibilidade de reviver momentos significativos. Assim, este perfil específico escolhe, livremente, manter relações com as bandas, apesar de estar atuando em outras áreas. Logo, a “Liberdade de Vontade” possibilita ao ser humano decidir e se posicionar responsabilmente diante das múltiplas possibilidades (Aquino, 2013, p. 51; Frankl, 2011, p. 26); inclusive, neste caso, de estabelecer contatos esporádicos com as bandas.

Além disso, Frankl (2019, p. 211-212) enfatiza que o ser humano pode descobrir sentido e valor no tempo livre em diferentes atividades além do trabalho formal, como leituras e estudos, envolvimento em associações juvenis, trabalho voluntário, esportes, projetos de música etc. Ao dispor de tempo livre, o ser humano tem a oportunidade de engajar-se em atividades que proporcionem uma sensação de realização, como as bandas e a música (Crnkovic *et al.*, 2024, p. 10).

Apesar de a vivência nas bandas poder trazer significado existencial, a intenção de seguir estudos musicais pode ser interrompida por incertezas e receios relacionados ao mercado de trabalho do músico.

Sinto saudades geral desse tempo aí [de bandas]. Eu ainda pensava em voltar hoje, mas eu não quero voltar, não. Eu quero focar no meu futuro. Agora eu quero trabalhar para ver se eu consigo alguma coisa na minha vida. Trabalhar e estudar em outra área. [...]. Música, eu vou estudar para música e vou tocar aquele trombone para fazer o que lá na frente? Vou me formar em trombone e vou ficar só com trombone mesmo? [...] Eu fiquei com medo de ficar sem mercado (P5, E2, 12 jun. 2019).



Conforme destaca Segnini (2011, p. 184), “a instável condição de trabalho e carreira do artista é reconhecida, historicamente, em vários países, inclusive no Brasil”. A autora aponta que o mercado profissional em música é predominantemente precário, oferecendo poucas oportunidades de trabalhos formais com carteira assinada e/ou com vínculo empregatício efetivo. Neste cenário, músicos enfrentam incertezas advindas de um campo de trabalho extremamente instável e vulnerável (Segnini, 2011), e isso pode afastar a possibilidade de alunos de música seguirem a profissionalização na área. Todavia, nem sempre as condições precárias do mercado profissional em música no Brasil são determinantes para a saída da banda.

*Não foi porque veio na minha cabeça, não “Ah, não quero tocar mais”. Foi a parte do meu espaço de tempo. Eu não tinha um espaço muito amplo como antigamente, no caso 2016/2017. Antigamente, eu estudava. Hoje, eu estudo reservado e fico mais no meu trabalho, que é no batalhão. Eu sou militar e essa parte, assim... me segura um pouco. [...] Mas foi por isso que eu deixei de tocar, foi mais uma questão de falta de tempo do que financeira. [...] Então no meu caso, eu não quis deixar a música não porque eu não gosto mais da música, não porque ela não vai me influenciar em nada ou não vou ganhar dinheiro com isso. **A música é minha vida** (P1, E2, 27 maio 2019, grifo nosso).*

A TSV destaca que, diante da finitude e do caráter temporário da vida, estamos em constante processo de decisão entre o “ser” e o “não-ser” no campo das possibilidades, ou seja, entre a concretização responsável de alguns projetos e a não efetivação de outros (Aquino, 2013, p. 87; Frankl, 2019, p. 94-95). Neste caso, a escolha de seguir a carreira militar foi efetivada, enquanto a possibilidade de seguir a música como profissão não foi concretizada. Embora o Participante 1 tenha saído da banda, seu depoimento mostra que a música apresenta grande significado em sua vida, estando presente em práticas musicais na igreja ou como *hobby*.

Outros participantes da pesquisa revelaram que mantêm relações com a música apesar da saída da banda, a saber: música na igreja, em grupos da cultura popular, por meio da internet etc. (Silva, 2020, p. 164-165). Dessa forma, a música pode continuar sendo significativa para os ex-integrantes das bandas a partir de outras práticas musicais em diferentes espaços.



Considerações finais

Os conceitos da TSV contribuíram na análise e compreensão das relações subjetivas e dos sentidos que os ex-integrantes estabelecem com a música e com as bandas. Por meio da TSV, entendemos que os ex-integrantes de bandas escolares entrevistados puderam encontrar um sentido para sua vida, por meio da dedicação à própria banda (valores criativos), vivência com a música (valores vivenciais) e posturas diante das dificuldades (valores atitudinais). Inclusive, essas relações e significações das bandas como sentido de vida podem fazer com que muitos ex-integrantes escolham manter contato intermitente com elas, apesar de exercerem atividades profissionais fora da área de música.

Os relatos mostram que a participação nas bandas pode ter relações com o conceito de autotranscendência de Frankl (2022a, p. 135). Dessa forma, a autotranscendência pode “noodinamizar” a vida do aluno da banda por meio da dose de “tensão saudável” presente em diversos de seus desafios – tocar um instrumento, apresentar-se bem para a família e os pares, obter bons resultados em concursos de bandas etc. Isso pode servir como proteção da psiquê contra a apatia, o tédio e a busca por satisfação e tensão nas drogas, por exemplo.

Como visto, o sentido de vida varia de pessoa para pessoa. Além disso, as narrativas não são estatisticamente generalizáveis, embora seus resultados apresentem aspectos subjetivos das vivências pessoais com a música, sendo estes fundamentais para a Educação Musical (Penna, 2021, p. 9). Desse modo, Marques *et al.* (2022, p. 9-11) ressaltam que o diálogo interdisciplinar entre a Educação Musical e outras áreas, como a Filosofia e a Psicologia, é essencial para a interpretação e compreensão das histórias de vida musical.

Por fim, esperamos que a análise e discussão aqui apresentadas fomentem reflexões sobre os sentidos e experiências de vida que as bandas escolares – enquanto espaços de educação musical – podem proporcionar aos seus alunos, mesmo quando estes tornam-se ex-integrantes.





Referências

- ABRAMO, Joseph Michael. The phantasmagoria of competition in school ensembles. *Philosophy of Music Education Review*, Indiana, v. 25, n. 2, p. 150-170, 2017.
- AQUINO, Sandra Cabral de; PENNA, Maura. A Logoterapia na educação musical: bases teóricas para a formação do logoeducador musical. *In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA*, 31., 2021, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: ANPPOM, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3z9dvbn>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. **Logoterapia e análise existencial**: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Paulus, 2013.
- BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, DF. Disponível em: <https://shre.ink/gZDq>. Acesso em: 10 set. 2024.
- CARMO, Claudionor Crisostomo do. **Motivação para tocar na banda**: um estudo com dois alunos da banda marcial do Colégio Sergio Fayad Generoso em Formosa-GO. 37 p. Monografia (Licenciatura em Música) – Universidade de Brasília, Formosa-GO, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/4ehLP7F>. Acesso em: 4 nov. 2019.
- COSTA, Luiz Fernando Navarro. **Transmissão de saberes musicais na Banda 12 de Dezembro**. 2008. 137 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3ZBWYrp>. Acesso em: 1 set. 2019.
- COSTA, Manuela Areias. Música e História: um estudo sobre as bandas de música civis e suas apropriações militares. **Tempos Históricos**, [s. l.], v. 15, p. 240-260, 2011.
- CRNKOVIC, Luciana; BARROZO, Glenda Cristina da Silva; OLIVEIRA, Juliana Balizardo de; PEREIRA, Karine Brandão. Sentido do trabalho e insatisfação profissional: contribuições da logoterapia. **EDUCAFOCO**, São Paulo, v. 5, n. 2, 2024. Disponível em: <https://bit.ly/3z9dQe9>. Acesso em: 05 set. 2024.
- DOURADO, Érica Tailane Silva; FIGUEIRÊDO, Ana Thaís Belém de; FARIAS, Estefânia Coeli Santos de; CAVALCANTE, Terezanisia Guerra; AQUINO, Thiago Antônio Avellar de; SILVA, Joilson Pereira da. Fundamentos antropológicos da Logoterapia e Análise Existencial. *In: DAMÁSIO, Bruno Figueiredo; SILVA, Joilson Pereira da; AQUINO, Thiago Antônio Avelar de. Logoterapia e educação*. São Paulo: Paulus, 2010. cap. 1, p. 13-52.



- FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FONTES, Laizime da Silva. **Regência feminina: a inserção da mulher no projeto de bandas marciais escolares da rede municipal de ensino de João Pessoa**. 2019. 64 f. Monografia (Licenciatura em Música) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.
- FRANKL, Viktor E. **Psicoterapia y existencialismo: escritos selectos sobre logoterapia**. Barcelona: Herder, 2003.
- FRANKL, Viktor E. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. São Paulo: Paulus, 2011.
- FRANKL, Viktor E. **Psicoterapia e sentido de vida**. 7. ed. São Paulo: Quadrante, 2019.
- FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 57. ed. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2022a.
- FRANKL, Viktor E. **Sobre o sentido da vida**. Petrópolis: Vozes, 2022b.
- GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LIMA, Marcos Aurélio de. **A banda estudantil em um toque além da música**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2007.
- MARQUES, Mônica Luchese; MADEIRA, Ana Ester Correia; SILANI, Pedrollo; MATEIRO, Teresa. O dizível das pesquisas em educação musical: abordagem (auto)biográfica na produção acadêmica. **Orfeu**, v. 7, n. 1, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3zLAFv1>. Acesso em: 10 set. 2024.
- MIGUEZ, Eloisa Marques. **Educação em busca de sentido: pedagogia inspirada em Viktor Frankl**. São Paulo: Paulus, 2014.
- NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso do; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. Memória social e saudade: especificidades e possibilidades de articulação na análise psicossocial de recordações. **Memorandum**, Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, v. 8, p. 05-19, 2005.
- NÓBREGA, Matheus Lopes Costa. **A cidade das bandas: o projeto de bandas marciais da rede municipal de ensino de João Pessoa**. 123 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3XiUOde>. Acesso em: 10 set. 2024.



PENNA, Maura. Possibilidades heurísticas da entrevista narrativa para a pesquisa em educação musical. *In*: CONGRESSO DA ANPPOM, 31., 2021, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: ANPPOM, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/47hQTSB>. Acesso em: 05 jan. 2023.

PENNA, Maura; PINTO, Ana Luiza; SANTOS, Susie. Relações com a música em diversos contextos de formação: significações e sentido de vida. **Revista da Abem**, v. 26, n. 40, p. 5-22, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/4d8b3zW>. Acesso em: 06 jan. 2023.

SANTANA, Elizane Priscila Silva. **Cidadania e projetos sócio-orquestrais**: um estudo a partir das perspectivas dos egressos do Prima. 2019. 170 p. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/4dY6kSp>. Acesso em: 10 set. 2024.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. À procura do trabalho intermitente no campo da música. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 16, n. 30, p. 177-196, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/4dZ9FRe>. Acesso em 11 jan. 2023.

SILVA, Rodrigo Lisboa da. **Memórias da banda**: percursos de formação de ex-integrantes. 2020. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/MWHO5yn>. Acesso em: 25 set. 2024.

SOARES, Adalto. **Orquestra de Metais Lyra Tatuí**: a trajetória de uma prática musical de excelência e a incorporação de valores culturais e sociais. 252f. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, Salvador, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3ZoDqql>. Acesso em: 10 set. 2024.





Rodrigo Lisboa da Silva é mestre em Música (Educação Musical) pela Universidade Federal da Paraíba. Possui especialização em Educação Cooperativa pela *Mondragon Unibertsitatea* (País Basco/Espanha) e em Arte e Tecnologia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. É graduado em Música (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente, é doutorando em Música (Educação Musical) pelo Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba (PPGM-UFPB), sob orientação da professora Dra. Maura Penna. É docente efetivo da rede estadual de educação básica da Paraíba no componente curricular Arte.

<http://lattes.cnpq.br/4066095812533567>

